

DISPUTAS POLÍTICAS E CONFLITOS SOCIAIS EM CORINTO NO SÉCULO V A.C.

Maurício dos Santos Ferreira

Orientado por: prof^o. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

A cidade de Corinto: desenvolvimento, hegemonia e representação política.

Os estudos da antiga *Hélade* por muito tempo apenas privilegiaram as abordagens de análise dos acontecimentos na *pólies* melhor documentada, Atenas. No entanto recentes estudos se empenham em analisar a história do homem grego a partir de novas perspectivas deslocando a ótica de análise para cidades e povos repletos de vestígios tanto arqueológicos quanto iconográficos a espera de ser estudado. É bem verdade que os documentos escritos, diretos ou indiretamente, sobre Atenas e a Lacedemônia foram melhores preservados ao longo dos séculos.

Em uma tentativa de mudar o ângulo de observação do período clássico, propomos uma análise do desenvolvimento social e econômico da cidade de Corinto como forma de compreender os interesses de Corinto e seu papel como cidade articuladora de uma oposição bem marcada contra Atenas.

Neste grande embate bélico se consolidaram dois eixos de polarização da *Hélade*: a liga de Delos e a liga do Peloponeso. Esta última formada sob a liderança militar/tática da Lacedemônia, no entanto a formação desta liga só foi possível graças às articulações e pressões de Corinto. A manutenção da guerra em defesa da inalteração do *status quo* das forças políticas foi o principal objetivo da diplomacia coríntia que já havia perdido seus monopólios de comercialização e percebeu as intenções expansionistas de Atenas.

A cidade de Corinto, em seu desenvolvimento histórico foi o centro dos acontecimentos relevantes da *Hélade* de forma figurada e literal já que seu território corresponde à parte central da Grécia. O desenvolvimento da cidade, nos séculos VII ao VI a.C, se deu em torno de três esferas intimamente entrelaçados: o comércio (*Empóron*), a política (interna, com a sucessão de regimes de liderança e externa com a representação para a guerra) e a religião. Todos os três fatores mantêm-se interligados.

O comércio se articula com a política externa à medida que o Estado é construído de forma a favorecer as estruturas comerciais e as intervenções externas – como a Guerra do Peloponeso que têm seu início em virtude de fatores, em grande medida, econômicos.

A religião foi um fator de grande relevância para o estudo do desenvolvimento da cidade e da ampliação de seu poder, influenciando no resto do mundo antigo. Serve, para tanto, como elemento de consolidação e legitimação das políticas governamentaisⁱ e é através dela que são construídos os protocolos para as intermediações da política externa.

O ritual da Xênia como instituição divina e jurídicaⁱⁱ; a prostituição sagrada como culto em honra a Afrodite e os jogos ístmicos consagrados a Poseidon, serviram como instrumentos para o desenvolvimento do comércio de Corinto com as demais poléis da *Hélade* e as colônias da Ásia menor. Estes elementos junto com os cultos e templos de divindades urbanas na *Ásty*, somado ao papel das divindades de caráter rural no espaço *Chôra* contribuíram para a demarcação das fronteiras étnicas e físicas.

Podemos ver que a cidade prosperou desde cedo com o auxílio da religiãoⁱⁱⁱ, que como em outras partes do mundo antigo, serviu para legitimar as ações das elites dirigentes. Além de servir como marco de identificação atuando na esfera da identidade/etnicidade nas relações entre cidades e no conjunto da *Hélade*^{iv}. Na Guerra do Peloponeso as cidades que compõem as ligas passam a se identificar, seja por estar passando por situação semelhante tendo a mútua cooperação como solução para um problema comum, seja por ligações ancestrais, étnicas ou geográficas.

E, por conseguinte a política que se desenvolve, interna e externamente, apoiada nos pilares religiosos e econômicos articulando com os outros fatores de modo que se alcance um desenvolvimento da sociedade coríntia como um todo.

Em nossa análise o aspecto geográfico e mítico da cidade demonstra não só sua grandiosidade no período anterior ao V século, como também percebemos que os aspectos peculiares do mito acerca da criação da cidade serviram para legitimar sucessivos poderes locais. Para tal se utilizou à visão do viajante Pausânias^V que mesmo vivendo após a reconstrução da cidade já sob a dominação romana, fez questão de investigar a origem da fama de opulência da cidade através da remanescente arquitetura.

As transformações política e social foram responsáveis pelo destaque da cidade como centro cosmopolitano tendo como principal fator o comércio. Este foi favorecido por uma estrutura governamental que articulou vários aspectos e segmentos sociais em prol de um desenvolvimento das atividades do comércio e serviços.

A guerra modifica as necessidades primárias dos coríntios, todavia o sistema político interno não sofre bruscas transformações ao passo que a oligarquia de Corinto permanece coesa, pelo menos na conjuntura da guerra, pois é obvio que a representação externa de um grupo é o vetor resultante das forças políticas internas em constante movimentação, em suas decisões e ações na guerra.

Para compreendermos a participação de Corinto na Guerra do Peloponeso, no século V a.C, decidimos privilegiar os aspectos iniciais do conflito. Para este desenvolvimento foi realizada uma análise da representação política da cidade através dos dois discursos de Corinto. Um em Atenas na qual foi feita uma defesa do direito de intervenção de Corinto no conflito em Epidamnos (TUCÍDIDES, I, 37 a 43). O segundo se deu na Lacedemônia como mecanismo para convencer lacedemônios e aliados do Peloponeso a unir-se contra o processo de expansão imperialista de Atenas (TUCÍDIDES, I, 120 a 124).

Corinto faz-se representar na guerra através dos discursos realizados junto aos atenienses para tentar respeitar seus direitos e prestígio, adquiridos ao longo dos séculos que antecederam o conflito. Também através dos discursos feitos na Lacedemônia com o objetivo de reunir aliados, igualmente prejudicados ou não, para garantir seus direitos como cidade fundadora e para assegurar a hegemonia política e econômica que possuiu.

Podemos ver que Corinto estava acostumado a usar os mecanismos político nas relações sociais externas, visto que, em todo o conflito atuou como rápido articulador. Esta postura política da cidade permaneceu constante com o decorrer da guerra.

A análise dos mecanismos políticos utilizados por Corinto na política externa são mais profundos que da fração dos relatos de Tucídides que foi escolhido para basilar este trabalho. Corinto efetuou diversos outros discursos e empregando inúmeras formas de representação dos seus interesses, entretanto este trabalho pontuou os primeiros momentos do conflito e da criação da Liga do Peloponeso, deixando o desenrolar da guerra e o forte papel de Corinto para pesquisas futuras.

Quadrado semiótico

O trecho abaixo se refere ao primeiro discurso de Corinto na Lacedemônia (TUCÍDIDES, I, 120 e 121) compondo assim nosso Corpus e como forma de análise documental, optamos pelo método do sistema de significação do texto proposta por Bakhtin. Para o teórico o *“texto ou discurso aparece como uma formação semiótica singular, fechada, dotada de um significado e uma função integral.”*^{vi}

Optamos então pela construção de um quadrado semiótico do discurso como proposto por Ciro Flamarion e Ronaldo Vaifas na obra Domínios da História. Os termos geradores elegidos foram o bom e o mau julgamento que pode ser adotado pelos Lacedemônios após suas deliberações. Vale ressaltar que Corinto necessitava do prestígio bélico dos lacedemônios e para alcançar seus objetivos introduz no seu discurso elementos de convencimento indiretos e argumentos diretos. Fica evidente intenção de Tucídides em trazer a relevância às vantagens da ajuda mútua para os peloponésios destacando a

desvantagens das decisões que cogitem apenas os interesses individuais gerando para isto no discurso relações eufóricas entre a dêixis positiva que valorizem decisões favoráveis a guerra e que privilegiem a os interesses comuns e disfórica da dêixis negativa para o atraso nas decisões e novas tentativas de acordos isolados que privilegiem os interesses particulares e individuais.

Bons juízes

“Já não podemos queixar-nos, aliados, de que os lacedemônios não votaram pela guerra”

“(…) convenha aos homens de discernimento permanecer tranquilos se ninguém os molestar, convém aos bravos, quando ofendidos, mudar da paz para a guerra, prontos, porém, para abandonar a guerra e retornar à paz quando chegar o momento propício”

Interesses próprios

“Aqueles, todavia, que vierem mais do interior e longe das rotas de comércio (...) se não ajudarem os habitantes do litoral, terão maiores dificuldades para trazer seus produtos de suas terras até o mar e levar, em contrapartida, o que o mar oferece ao interior”

“(…) mas deverão esperar que, se abandonarem o litoral à sua própria sorte, o perigo poderá algum dia chegar até eles, pois estarão deliberando sobre seus próprios interesses, não menos que os nossos”

Interesses comuns

“Agora nos levantamos para a guerra por haveremos sido ultrajados e por termos muitos motivos de queixas”

“(…) é dever dos detentores da hegemonia, ao mesmo tempo que deliberam eqüitativamente sobre seus próprios interesses, dar atenção especial aos interesses gerais”

Maus juízes

“(…) não deverão ser juízes displicentes”

“(…) aquele que fugir à guerra por causa de suas comodidades, muito provavelmente, se permanecer indiferente, bem depressa perderá os deleites da vida pacata que o levava a omissão”

“(…) aquele que se empolgar pelo sucesso da guerra e não perceber quão enganadora é a confiança que o exalta”.

Bibliografia

- BURN, A. R. As cidades rivais da Grécia. Ed Verbo: 1972
- CHEVITARESE, André Leonardo. O espaço rural na pólies grega: o caso ateniense no período clássico. Hélade; suplemento III. Rio de Janeiro: Fábrica de livros, 2001
- CARDOSO, Círo Flamarion S. Narrativa, Sentido, História.- Campinas, SP: Papirus, 1997.
- CARDOSO, Círo Flamarion S; VAIFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. -Rio de Janeiro: Campus, 1997
- DABDAB, José Antônio Trabulsi. Ensaio sobre a mobilização política na Grécia antiga. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001
- FINLEY, Moses I. A política no mundo antigo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- FORNIS, César Antonio. Estabilidad y Conflicto Civil en la Guerra del Peloponeso: Lãs sociedades corintia y argiva. Oxford. Archaeopress. Publishers of the British Archaeological Reports. 1999. 134. ISBN: 0-86054-970-4.
- GLOTZ, Gustave. A cidade grega. São Paulo, Difel, 1980.
- _____, História econômica da Grécia. Desde o período homérico até à conquista romana. Trad.Vitorino M. Godinho. Lisboa: Cosmos, 1920. v. 1
- GRALHA, Julio Cesar Mendonça. Deuses, Faraó e o poder: Legitimidade e imagem do Deus Dinástico e do monarca no antigo Egito- 1550-1070 a.C.- Rio de Janeiro: Barroso Produções editoriais, 2002
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Imperialismo Greco-Romano. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- HERÓDOTO. História. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2001.
- LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. Contatos entre coríntios e etruscos: uma leitura da "Ólpe de Chigi". Phoinix 7: 49-58, 2001.

- _____. Cultura popular em Corinto: Kômoi nos VII – VI a.C. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2001.
- _____. O Dialogo entre o Oficial e o Popular em Corinto no século VII ao VI a.C. Phoinix 6: 23-31, 2000.
- _____. Xenía e Kômoi em Corinto Cypsélida.Hélade (3), 2002.(http://www.heladeweb.net/N2%202002/alexandre_carneiro.htm).
- MOSSÉ, Claude. As instituições gregas, Lisboa: Edições 70, 1985.
- _____. Atenas: A história de uma democracia. – 3ª ed. – Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1997.
- PAUSÂNIAS. Descripcion de Grécia. Libros I-II. Trad. M.C. Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, 1994.
- SALES, Catherine. Nos submundos da antigüidade: Lês bas-fonds de l'antiquité. São Paulo: Edições Brasiliense, 1983.
- TUCÍDIDES. História da guerra do Peloponeso, 3ªed., tradução de Mário da Gama Cury, Brasília: Editoras universitárias de Brasília, c1986, 1999.

Notas

ⁱ Ver Alexandre Lima em sua tese de doutorado onde o autor analisa a influencia dos cultos populares para legitimação do poder do governo dos Cypsélidas.

ⁱⁱ LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. O ritual da prostituição sagrada e a economia em Corinto arcaica. Phoinix : 9, 2003.

ⁱⁱⁱ Ver FORNIS, 1999; LIMA, 2001; GRALHA, 2002; César Fornis trabalha com o desenvolvimento comercial e manufatureiro em Corinto; Alexandre Lima analisa a importância da cidade e sua representação externa através da análise de vasos e aríbalos encontrados nas suas diversas colônias já Julio Gralha relaciona as transformações nos cultos com a tentativa de reestruturação do poder dinástico.

^{iv} Ver CHEVITARESE, 2001

^v PAUSÂNIAS. Descripcion de Grécia. Libros I-II. Trad. M.C. Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, 1994. Pausânias foi um viajante romano que viveu por volta do século II d.C e descreveu os aspectos arquitetônicos, geográficos e religiosos.

^{vi} CARDOSO, Ciro Flamarion S; VAIFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. -Rio de Janeiro: Campus, 1997